

PARTILHA DE SABERES: O PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL SEGUNDO A CONCEPÇÃO DOS EDUCADORES QUE ATUAM NESSAS SÉRIES.

Rafaela Moraes Cardoso
Graduanda em Letras- Língua Espanhola- UFPA
Renata Moraes Cardoso
Graduanda em Letras- Língua Portuguesa- UFPA
Rosileide Moraes Cardoso
Graduada em Matemática- UFPA

RESUMO

O processo educacional em sua totalidade nas últimas décadas vem passando por um período de transição, ou seja, de ruptura; ruptura dos moldes tradicionais, das concepções passivas, preconceituosas e da falta do comprometimento com a essência do ensino/aprendizagem desenvolvidas nas instituições de ensino, (neste contexto o processo desenvolvido no ensino fundamental menor). Contudo, esta nova realidade é um processo lento e demorado, pois um projeto que tem em seu bojo o desafio de desenvolver uma educação de qualidade e para todos precisa de uma reflexão minuciosa para que essa nova abordagem ao sistema educacional não gere trauma ao desenvolvimento da educação.

Assim, o processo ocorre por meio de discussão e reflexão junto ao docente sempre respaldado por concepções que abordam as temáticas suscitada pelos educadores quanto aos conceitos, teorias, valores a sua teoria/prática de sala de aula, além de cutucá-lo para a importância do processo de formação inicial continuada.

Palavra-chave: partilha de saberes, formação, séries iniciais.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo os saberes, as experiências dos educadores eram perdidas entre as quatro paredes de uma sala de aula ou imortalizadas pelas pesquisas de estudiosos da educação. Mas, nas últimas décadas, este cenário, paulatinamente, vem

dando espaço a uma nova concepção de ensino, onde o educador paralelo as teorias científicas tem muito a dizer. A essa nova metodologia se denomina como partilha de saberes, as partilhas de saberes nada mais é que uma troca de experiências entre os educadores que atuam em sala de aula, seus medos, suas angústias, seus desafios, propostas, contribuições e inovações. Tudo isso na perspectiva de atrair o “olhar” aluno, para ele se sinta atraído pelo processo ensino-aprendizagem, para que o discente possa se sentir parte integrante e participante deste processo.

E nesse sentido que se pretende abordar **PARTILHA DE SABERES: O Processo Ensino/Aprendizagem nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental segundo a concepção dos educadores que atuam nessas séries**, por meio dos relatos de experiência de sala de aula de alguns educadores que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental.

DESENVOLVIMENTO

Ser professor na contemporaneidade é um desafio constante, e esse desafio aumenta quando se toma como referência a localização do lócus. Por isso, antes de apontarmos um culpado é necessário que se conheça o contexto em que perpassa um determinado processo ensino-aprendizagem.

Neste intuito de atingir nas necessidades dos lócus de trabalho o profissional da educação hoje, já compreende o quanto é importante o processo de formação inicial para exercer o magistério, ele ainda reconhece a necessidade de dar prosseguimento no processo de formação, pois só por meio deste ele vai aprimorando o que já sabe, além de ter a possibilidade de descobrir teorias, metodologias, recursos para aprimorar sua teoria/prática. Mas também compreender que este não pode ser realizado de qualquer jeito. Luckesi reflete da importância do processo de formação continuada para o educador e também nos remete quanto aos cuidados a serem considerados quando se pensar nessa formação, por isso ele diz

Formar o educador, em síntese, é a meu ver, não deverá ser uma imposição autoritária e sim um modo de auxiliar o sujeito a adquirir uma atitude crítica frente ao mundo de tal forma que o habilite a agir juntos a outros seres num processo efetivamente educativo (1989, p.27)

Compreender o processo de formação do educador nessa realidade é fundamental para que o educador realize um bom trabalho, pois ele vai perceber o processo ensino/aprendizagem uma relação parceira, escola x família, escola x comunidade local e todos estes x professor, o porquê de todos estes versos o professor, por ser simplesmente aquele que ouve as dificuldades, os anseios, criam as estratégias, as metodologias e os recursos e dialogam todos esses eixos juntos com a gestão, família e comunidade local sempre na perspectiva de juntos buscarem um norte para os questionamentos levantados.

Essa relação de parceria fica enfraquecida quando, o educador não recebe apoio tanto da gestão, haja visto que é a gestão a ponte entre professor e todo aparato ofertado pela escola, como com os pais (com exceções) quando este só comparecem a escola pela reprovação do filho ao fim do ano letivo, ou quando leva uma advertência, o pai se “enche” de moral e vem brigar com o professor, não procura saber o que de fato aconteceu, às vezes, que ele próprio punir o aluno que brigou com seu filho, ofende e desrespeita o professor, chamando de irresponsável, incompetente.

Contudo, não se pode generalizar, pois existem pais que vem a escola, e que fazem o acompanhamento da vida escolar de seus filhos, e apoiam os professores para que possam desenvolver um bom trabalho.

Quando, não existe a relação de parceria da família com o educador, e dos pais para com o filho, professores acabam por assumir mais este papel o de ensinar e orientar a criança, o adolescente em processo de descoberta, contudo, não é tarefa fácil, haja vista que eles têm uma infinidade de informações adquiridas nos mais diferentes meios de comunicação (televisão, internet, na rua etc.) na maioria dos casos estes não sabem como selecionar o que é certo ou errado, e acabam por absorver tudo. Em certas situações assumem atitudes e valores dessa nova descoberta, que de certo, não é saudável para sua idade.

Quanto a isso AQUINO diz:

É possível constatar, pois, que a indisciplina (como problema teórico e prático) em geral é tratada de maneira imediatista, sem o circunstanciamento conceitual necessário (AQUINO, 1996, p. 7).

A escola sente os reflexos dessas informações desordenada a agressividade e a indisciplina vem piorando cada vez mais.

[...] está cada vez mais difícil de lidar com essa questão, pois alunos não respeitam os adultos como antes. [...] No ciclo inicial do ensino fundamental, o pesadelo pedagógico das professoras da quarta série, tanto na escola privada quanto pública, é povoado por imagens relativas à indisciplina do aluno. Logo, o trabalho docente é representado prioritariamente como ordenação, controle, e/ ou supressão da agitação em sala de aula (AQUINO, 1996, p. 148).

As descobertas de forma inadequada, das informações (sexo, droga, violência etc.) estão refletindo no comportamento do aluno em sala de aula. A escola hoje está cheia de alunos (com exceções) que falam muitos palavrões, são agitados, ansiosos e que gostam de humilhar, falar mal, bater nos colegas menores, não se concentra durante as atividades desenvolvidas em sala de aula, gerando certo transtorno ao andamento da aula e um estresse à turma. Quanto a isso VASCONCELOS argumenta:

Independente de fatores extrínsecos; dependem sim das necessidades de cada um em cada momento particular, necessidades não só básicas de sobrevivência e segurança, como as da autoestima e de aceitação social (VASCONCELOS, 2000, p. 42).

Com isso o professor fica com medo, cansado, frustrado. Com medo, pois não tem coragem de falar uma vez que não respeitam mais; frustrado, pois pesquisa, produz os recursos metodológicos de acordo com os temas a ser trabalhado, se utiliza de recursos tecnológicos (DVD, computador etc.) para deixar a aula mais dinâmica, e nada disso atrai mais a atenção do aluno. Em certos momentos o professor se depara falando sozinho.

Por isso ser professor hoje é um desafio, não somente pelo fato de diariamente se depara com ambiente escolar complexo, pois trabalha com pessoas diferentes, de sexos diferentes, de mesma idade cronológica, mas desenvolvimentos emocionais distintos, com características psicológicas pessoais, onde cada um traz dentro de si sua própria dinâmica familiar, isto é, seus próprios valores (em relação a comportamento, disciplina, limites, autoridade etc.). Mas de tudo isso o que mais “sufoca” o professor é essa agressividade exagerada e o desrespeito.

É com este sentimento que se entende que hoje sem essa “bagagem” de informações, de formações de conhecimento, não se contribuirá de forma eficaz na

formação dos alunos e se a dinâmica de sala de aula não for atraente não proporcionar ao aluno a descobertas.

Esta abordagem apresenta uma forma de implicação e de resolução de problemas escolares a partir de uma perspectiva que supera o caráter tradicionalmente individualista das atividades de aperfeiçoamento dos professores. (GARCIA, 1999, p. 137)

Garcia se refere sobre ao processo formação continuada de educadores, como algo importante na vida do educador, pois somente por meio deste paulatinamente ele vai consiga valorizar e compreender que essa formação é necessária para que ele adquira um caráter contextualizado, tanto dos problemas trabalhados em sala de aula, como na sua relação com os colegas de trabalho e com o meio onde está inserido.

É possível perceber que esse processo formador na vida do educador lhe possibilitar um amor e uma motivação maior pelo seu trabalho, um exemplo simples desta realidade é; basta existir dois alunos interessados na aula para o que professor sinta um animo, uma vontade de dar o melhor de si, e acredita que todas as dificuldades são possíveis de serem resolvidas, então ele tem as forças renovadas, está pronto para continuar participar dos cursos de formação, das rodas de conversas, sempre no intuito de descobrir algo que seja agregado a sua metodologia, aos seus recursos, a sua teoria/prática de sala de aula.

Por isso hoje, se chegou à conclusão que o professor para ser ouvido ele precisa ser um “artista”, ou seja, precisa fazer do substantivo, do verbo, do sujeito, algo atraente, alegre, ele precisa dar vida as operações, pois abordando-as de forma mecânica, passiva como era feito anteriormente, não atraem mais o olhar dos alunos. Por isso é fundamental o que FREIRE diz:

“Não basta saber ler mecanicamente que ‘Eva viu a uva’. É necessário compreender qual posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir uvas e quem lucra comesse trabalho. Os defensores da neutralidade da alfabetização não mentem quando dizem que a clarificação da realidade simultaneamente com a educação é um ato político. Falseiam, porém quando negam o mesmo caráter político à ocultação que fazem da realidade”. (FREIRE)

O professor se torna um artista à medida que se forma, informa-se, busca novas fontes, dando a um mesmo assunto varias forma de se compreendido, quando ele adentrar na realidade dos alunos, na sua linguagem e pouco a pouco ele conquista a

confiança e atenção do aluno. Essa conquista é importante, pois somente após essa conquista o professor poderá ajudar a nortear as dúvidas, os anseios, os medos, as curiosidades de seu educando.

Neste sentido o ser professor é um trabalho que se intensifica, à medida que o professor precisa trabalhar as preposições diretora dos alunos, mas, não se pode deixar de lado o fato que esse aluno hoje será um cidadão amanhã, então que tipo de cidadão a escola, em especial o professor, está ajudando á construir. São pessoas de valores (éticos, culturas, sociais, políticos) ou somente profissionais qualificados ao mercado de trabalho. Quanto a isso VEIGA diz:

O lado teórico é representado por um conjunto de idéias constituído pelas teorias pedagógicas, sistematizada a partir da prática realizada dentro das condições concretas da vida e do trabalho. A finalidade da teoria pedagógica é elaborar ou transformar idealmente, e não oralmente, a matéria-prima. O lado objetivo da prática pedagógica é constituído pelo conjunto dos meios, o modo pelos quais as teorias pedagógicas são colocadas em ação pelo professor. O que distingue da teoria é o caráter real, objetivo da matéria-prima sobre o qual ela atua dos meios ou instrumentos com que exerce a ação, e de seu resultado de modo natural e o social, satisfazer determinada necessidade humana. (VEIGA, 1989, p. 17).

GALEANO refletir que:

Somos (...) o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosas síntese das contradições nossas de cada dia. (GALEANO, 1991:123).

Tudo isso para dizer o quanto conhecemos do processo ensino/aprendizagem que perpassa hoje na sala de aula quando conversamos com nossos educadores, pois mediante realidade de sala de aula contribui para entender as circunstâncias que configuram o espaço escolar hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as reflexões com os educadores foi possível perceber que durante muito tempo existiu uma controversa em relação ao papel do professor dentro da sala ele era o detentor do conhecimento, mas fora deste espaço não “tinha muito a dizer”.

Porém, com o processo de formação inicial e a continuada professor foi adquirindo ao longo da sua trajetória como profissional da educação uma postura diferenciada, não se está dizendo que ele não tenha mais dificuldade, só que por meio dos cursos de formação se tem oportunizado ao educador um aprimoramento do trabalho da sua teoria/prática, pois está sendo dada a ele a possibilidade do diálogo, um alento para os seus questionamentos, alguém que compartilhe das suas dúvidas e dificuldades, mas ele é alguém que aponte “luzes” por meio da troca de experiência com os colegas de trabalho. Como aponta NACARATO.

um trabalho colaborativo, em que os docentes se sentem à vontade para relatar seus sucessos e fracassos. Os sucessos contribuem para a formação dos colegas e a incorporação de novas práticas. Os fracassos, quando discutidos e refletidos, possibilitam a busca de alternativas e a multiplicidade de caminhos ou estratégias. (NACARATO, 2005, p. 192).

Assim, compreender que o educador que tem formação continuada é capaz de acompanhar processo de ruptura em que o processo do ensino/aprendizagem vem passando, porém ele não só acompanha ele faz parte desse processo de rupturas, pois já possui uma postura muito diferente da qual quando iniciou seu trabalho como professor a vinte, quinze, há dez anos. Pois hoje ele é capaz de perceber a importância de se está atualizando seja pela necessidade de não cometer os mesmos erros do passado (de ensinar de forma passiva e fragmentada), ou pela necessidade de está fazendo ponte com os colegas de trabalhos para a construção dos diferentes métodos, recursos, teorias de ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, Vera Maria. **A formação de educadores um perspectiva multidimensional.** In revistas Quadrimestral de Ciências de Educação. Formação de Profissionais políticas e tendências nº 69. Campinas: Cedes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa,** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa,** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, C. M. **Formação de professores - para uma mudança educativa.** Porto: Porto Editora, 1999.

LUCKESI, 1989, p. 27. In: **texto Base do Plano de Implantação do Ensino Fundamental de 09 Anos da Rede Municipal de Ensino de Abaetetuba/PA. CIRCULO DE FORMAÇÃO CONTINUADA COM OS PROFESSORES DO CAMPO,** 2008.

NACARATO, A. M. **A escola como *lócus* de formação e de aprendizagem: possibilidades e riscos da colaboração.** In: FIORENTINI, D.; NACARATO, A. M. (Org.) **Cultura, formação e desenvolvimento profissional de professores que ensinam matemática: investigando e teorizando a partir de prática.** São Paulo: Musa Editora, 2005. p. 176.

GARCIA, C. M. **Formação de professores - para uma mudança educativa.** Porto: Porto Editora, 1999.

TEIXEIRA, Inês Castro. **Os professores como sujeitos sócio-culturais.** In: DAYREL, Juarez (org.) **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura.** Belo Horizonte: UFGM, 1996.

VEIGA, Ilma Passos A. **A prática pedagógica do professor de didática,** São Paulo: Papirus, 1989.